



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

O Petardo — quinzenário católico humorístico publicado no Porto, entre 1 de julho de 1902 e 1 de outubro de 1910, do qual nesta ficha nos reportamos apenas ao primeiro ano de publicação — o único representado na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa —, compreendido entre aquela data inicial e 15 de junho de 1903, num acervo de 24 números¹.

Com redação e administração a cargo do **Padre Benevenuto de Sousa (1860-1948)**, a partir do Outeiro, em Torres Novas, **O Petardo** era editado e publicado no Porto sob a responsabilidade de **António Pacheco** (editor responsável, sedado na Praça da Batalha, n.º 115) e impresso na Tipografia de José Frutuoso da Fonseca (Rua da Picaria, n.º 72-74).

Ao preço de 10 réis (a partir de outubro de 1902, 20 réis) por número avulso, e com assinatura anual no valor de 300 réis (500 para assinantes “protetores”, sendo este valor único a partir de outubro do primeiro ano), **O Petardo** publicava-se aos dias 1 e 15 de cada mês, num formato de quatro páginas a quatro colunas cada uma, com texto entrecortado por caricaturas, numa estrutura de rúbricas variáveis (“Teatro do Petardo”, “História Contemporânea”, “Charada”, “Folhetim”, “Noticiário”, “As Nossas Efigies”) assinadas por pseudónimos. Aliás, o anonimato dos colaboradores a coberto de pseudónimo (“Renato”, “N.P.”, “Gryce”, “Ego”, “O Sagitário”, “Tristão Zarco”, “Hint-Zé”, “Tomé Tomás”, “Nós”, “A.”, “Mausinho”, “Colorau”, “Lulu”, “Zé Dias”, “Cacheirada”, “Roze”, “Lina Fina”, “Varra Varrão”, “Pim-pão”, “Mary”, “Dente por Dente”, “Lulu”, “O Pescador”, “Abel”, “Nicles”, “Oscar Luso”, “Pi-Careta”, “Dr. Joanito”, “André”, “Pomponio”, “Nicolau Tolo em-Tino”) era mesmo condição de admissão para colaborador do jornal². Da mesma forma, o autor das caricaturas e ilustrações publicadas n’**O Petardo** assinava como “Zero”.

Sob cabeçalho artístico em que o título do jornal aparecia enquadrado numa alegoria onde a Justiça e a Verdade disparavam um canhão contra uma porta muralhada, **O Petardo** apresentava-se como órgão satírico católico e nacionalista, vergastando a dissolução político-social do país:

«Empunhamos hoje a pena, saímos à estocada e tomamos esta posição porque o espetáculo que estava dando o jornalismo pornográfico — verdadeira invenção do inferno — nos revoltava, causava nojo.

¹ Mais elementos sobre o curso completo de publicação de *O Petardo* podem ser colhidos no catálogo das Bibliotecas Municipais do Porto (http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?session=141MJ35573776.24560&menu=search&aspect=subtab11&np=20&ipp=20&spp=20&profile=bmp&ri=&limitbox_1=LOC01+%3D+BPMP&limitbox_1=&limitbox_x_1=&term=o+petardo&index=.GW&x=0&y=0&aspect=subtab11&CBPMP=on), em “Jornais do Porto (1896-1925)”, de Raul de Matos Fernandes, sep. do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIV, 1978, e no “Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910”, de Joaquim Azevedo e José Ramos, in *Lusitânia Sacra*, 2ª série, n.º 3, 1991, p. 241.

² V. n.º 1, p. 1 (“Prefaciando”, por “Renato”) e p. 4 (“Colaboradores”).

Que de males tem feito há vinte e sete anos! São incalculáveis.

A caricatura, os recursos da fotografia e das cores, nas suas mãos tem sido e é uma arma terrível, para fazer perder o fruto das lições de honra e moralidade que a nova geração recebeu no lar doméstico, na escola, na igreja; tem arrastado centenas de espíritos à loucura dos prazeres, à prática de muitas torpezas.

[...] Urgia opor-lhe um remédio, oferecer-lhe resistência. Vem fazê-lo *O Petardo*.

[...] Confiamos na proteção do alto, e esperamos o apoio dos católicos.

[...] *O Petardo*, em todo o tempo da sua vida, há-de trabalhar para introduzir, nesta atmosfera corrupta e pesada, o puro oxigénio da virtude; para triunfar de tanta derversidade [*sic*], audácia e ignomínia.

Este é o seu programa, e para o cumprir cabalmente tem, no corpo da redação, homens a quem a Religião e a Pátria já muito devem; conta com distintos artistas, que, pelas suas obras, se podem considerar verdadeiros mestres, senão génios.

Posto isto, corramos para o campo, iniciemos a guerra a todos os corruptores das nossas famílias e da sociedade. *Deus o quer!*»³

Sobre a forma editorial escolhida para cumprir este “programa”, explicava-se:

«São sempre bem vindos a alistar-se nas fileiras do jornalismo, que ensina, que corrige e que alenta, soldados que trazem uma guia tão limpa e tão honrosa como *O Petardo*.

Nestes tempos em que se proclama o egoísmo como norma de vida, o suicídio como um ato de heroísmo e a anarquia como sistema, é preciso que apareça, bem disciplinado e bem aprestado para a luta, quem proteste contra estes desvarios de uma época com razão doentia, e proclame bem alto que o egoísmo é um vício terrível, o suicídio uma cobardia infame e a anarquia o desmoronamento social.

E aquelas doutrinas deletérias, que se propagam por um jornalismo inconsciente e assalariado, em artigos aparentemente sérios, em caricaturas hilariantes e em anedotas evidentemente jocosas, devem ser combatidas com armas de têmpera igual — no artigo sério, na caricatura inofensiva e na anedota edificante.

É este o posto de honra, que na imprensa jornalística deste país vem ocupar *O Petardo*.

Em boa hora venha; boa estrela o norteie nesta luta, em que está empenhada a santidade da nossa divina Religião e a honra e as gloriosas tradições da nossa querida pátria [...].»⁴

E, ao n.º 7, detalhava-se melhor “A nossa Política”:

«[...] *O Petardo* tem política, e política séria; mas como é um jornal de caricaturas, jocosas, não se propõe tratar dos vários problemas económico-sociais, que devem preocupar o espírito dos chefes políticos, que *O Petardo* acompanha.

³ N.º 1, p. 1, “Na liça: sem rodeios e em duas palavras”

⁴ *Ibidem*, “Prefaciando”.

O Petardo é nacionalista. Nacionalista e mais nada. Abraça e defende o programa nacionalista, porque o julga o único capaz de salvar a pátria dos perigos que a ameaçam. Não é personalista. Preocupa-o apenas a ideia. Os homens, sejam eles quem forem, relega-os para plano secundário. Quer dizer, — *O Petardo* é nacionalista puro, acompanhando aqueles que defendem as ideias do nacionalismo enquanto as defenderem; se deixarem de as propagar, *O Petardo* continuará ao lado da ideia, deixando em paz e às moscas os homens, por mais méritos que possam ter, que dela se afastam.

Rindo e brincando se faz propaganda duma ideia nobre e santa.

Rindo e brincando se ridiculariza uma ideia perniciosa e condenável.

Porque não temos só em mira fazer rir e passar alegremente alguns minutos, *O Petardo* afasta-se um pouco dos outros jornais brincalhões, que só pensam em desopilar o baço dos seus leitores. Nós queremos que eles riam, mas queremos também, e especialmente, que o seu riso não seja de parvo, deixando-lhes após o riso uma impressão no espírito que os oriente na vida prática, política e social. [...]»

Note-se, no primeiro dos textos citados, a referência aos «vinte e sete anos» de males que haviam assolado o país, o que, em contas redondas, aportava o ónus dos malefícios à fundação do Partido Socialista (1875), do Partido Republicano e do Partido Progressista (ambos de 1876). Contudo, ao longo deste biénio 1902-1903, estas entidades nunca foram referidas diretamente, centrando-se a sátira de ***O Petardo*** no sistema rotativo e, particularmente, nas figuras que o personificavam: Hintze Ribeiro, Luciano de Castro, José de Alpoim⁵ e, com especial destaque em Novembro de 1902 (n.º 10), João Franco. O ministro da Guerra, Pimentel Pinto, foi também alvo de chacota⁶, bem como, fora da área política, o mentor do “espiritismo”, Allan Kardec, apodado de “charlatão”⁷. Institucionalmente, foi a Maçonaria a única entidade alvo de ataque declarado⁸.

Do ponto de vista de natureza e conteúdos, ***O Petardo*** mostrou-se bastante homogéneo no curto período que aqui analisamos⁹. Já em termos materiais, ao longo deste primeiro ano de publicação, o jornal sofreu uma profunda remodelação, consequência da rápida e crescente difusão que conheceu junto do público leitor. Ao n.º 6 (15 de setembro de 1902) o balanço e as perspetivas de curto prazo eram as seguintes:

«*O Petardo*, tal como saiu, foi uma tentativa. Reconhecido agora que essa tentativa obteve êxito, *O Petardo* vai ser reformado. Do próximo número em diante aparecerá em excelente papel, com quatro páginas de caricaturas e outras quatro de prosa.

A empresa, que não tem intuítos lucrativos, e deseja manter-se num plano de honradez intangível, dará, como prometeu, neste primeiro ano, *O*

⁵ Cf. a rubrica satírico-epistolar de “Gryce”, “História Contemporânea”.

⁶ V. n.º 2, p. 3.

⁷ N.º 5, p. 2.

⁸ V. n.º 8, p. 1 e n.º 11, p. 8.

⁹ Uma vez que a presente ficha incide apenas no primeiro ano de publicação, não nos detemos em considerações mais vastas sobre o papel de *O Petardo* e do seu mentor, Pe. Benevenuto de Sousa, no contexto da imprensa católica dos primeiros anos do séc. XX. Para tal, v. a bibliografia final indicada.

Petardo a 300 reis, por assinatura, aos que já são assinantes. Para o ano elevará o preço da assinatura a 500 reis, porque lhe é impossível dar oito páginas, sendo quatro de caricaturas, por 300 reis. Os assinantes que vierem depois da publicação do presente número pagarão 500 reis, porque para estes não haverá falta de lealdade, exigindo-se-lhes uma quantia que apenas dá para pagamento da impressão e da estampilha.

Do número imediato em diante, *O Petardo* custará 20 reis, em vez de 10 reis, como até agora, preço por que se vendem os jornais de caricaturas que se publicam no país.

Apesar de grande número de assinantes que temos, número que nos permite assegurar que ***O Petardo* é a publicação católica de mais larga circulação no país**, a receita não cobre a despesa. Não nos atemoriza isso, porque já temos recebido avultados donativos para as despesas d'*O Petardo* e esperamos continuar a recebê-los. [...]»¹⁰

A crescente circulação de ***O Petardo*** radicava claramente na sua natureza católica, que não só lhe abria caminho junto de um vasto público alvo, como lhe permitia “arregimentar” colaboradores a partir da rede institucional da Igreja — facto visível no apelo aos seminaristas para colaborarem no jornal¹¹ ou na substantiva lista de “correspondentes” dispersos pelo país (continental e insular), quase todos padres sedeados em seminários¹².

Assim, a partir do n.º 7 (de 1 de outubro de 1902), ***O Petardo*** passou a apresentar-se em formato reduzido (32x22 cm. em vez dos anteriores 40x29) mas mais volumoso em páginas (8 em vez das anteriores 4), cada uma destas preenchida a três colunas sem interrupção do texto, sendo as ilustrações remetidas para as primeira, centrais e última páginas (não numeradas), que lhes eram dedicadas em exclusivo. A remodelação passou também pelo cabeçalho, doravante quase resumido à titulação em tipo de fantasia e significativamente encimado pelo sinal da cruz com a inscrição “*in hoc signo vinces*”. A publicação passou a incluir trabalhos litográficos, a cargo da Litografia União (Travessa de Cedofeita, n.º 22), e, a partir do n.º 11 (1 de dezembro de 1902), passou a contar com impressão de cor nas páginas de ilustração (que, a partir do n.º 23, será policromática).

Assinale-se ainda que, ao n.º 13 (1 de janeiro de 1903), pela primeira vez a ilustração da primeira página não foi satírica, mas antes o retrato do Bispo do Porto (o que se repetirá ao n.º 17, com o retrato do Papa Leão XIII); que, a partir do n.º 17, se tornou frequente a ilustração de última página ser um díptico “Viva o Progresso”, onde se confrontavam vários aspectos de “ontem” (sempre digno e honesto) e de “hoje” (sempre dissoluto) — desenvolvendo as ilustrações de “Zero”, a partir daqui, o carácter de bandas desenhadas, formato que as páginas centrais passaram a ostentar com frequência; e que a primeira publicação de fotografia n'***O Petardo*** ocorreu ao n.º 20 (15 de abril de 1903), tendo por objecto um motivo religioso.

¹⁰ P. 4, destaque nosso.

¹¹ N.º 1, p. 4, “Aos Seminaristas”.

¹² V. n.º 9, p. 7.

Sem lhe alterarem demasiado a natureza, as remodelações e inovações aqui enunciadas fizeram de **O Petardo**, ao cabo do seu primeiro ano de publicação, um jornal bastante mais explícito e afirmativo em relação ao seu objecto, por comparação com o carácter eminentemente alusivo e chocarreiro dos seus exemplares iniciais. É neste sentido da explicitação plena do seu projecto que, no plano político, são muito significativos os dois últimos números deste primeiro ano de **O Petardo**: o n.º 23 (de 1 de junho de 1903), nas páginas centrais do qual se homenagearam os vultos da causa nacionalista, (Jacinto Cândido, Conde de Bertandos, Garcia Pulido, António Mendes Lages, General Hugo de Lacerda, Conde de Samodães e Padre Pinto Abreu); e o n.º 24 (de 15 de junho de 1903), onde se aludia reiteradamente ao Congresso Nacionalista, realizado na Associação Católica do Porto entre os dias 1 e 3 anteriores.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 22 de setembro de 2014

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Joaquim; e RAMOS, José, "Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910" in *Lusitânia Sacra*, 2ª série, n.º 3, 1991, pp. 215-264.

FERNANDES, Raul de Matos, "Jornais do Porto (1896-1925)", sep. do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIV, 1978.

GONÇALVES, Eduardo C. Cordeiro, "Mutualismo ou tentativa de sindicalismo católico? A propósito do movimento dos círculos católicos de operários (1898-1910)", in *Revista da Faculdade de Letras. História. Porto*, 3ª série, vol. 8, 2007, pp. 261-272.

MAIA, Fernanda Paula Sousa, "Caminhos da imprensa católica em Portugal: o jornal 'Estrela Polar' (Lamego, 1907-1908) e Artur Bivar", in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, vol. 2, Porto: Universidade do Porto, 2006, pp. 295-306.

MALTEZ, José Adelino, *Tradição e Revolução : uma biografia do Portugal político do século XIX ao XXI*, vol. 1, (1820-1910), Lisboa: Tribuna da História, 2004.

MOURA, Maria Lúcia de Brito, *A "Guerra Religiosa" na I República*, 2ª ed. revista e aumentada, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2010.

SILVA, Amaro Carvalho da, "Convergências e divergências do nacionalismo católico: «Centro Nacional» ou «Partido» (1901-1910)", in *Religião e Cidadania: Protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico*, coord. de António Matos Ferreira e João Miguel Almeida, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011, pp. 469-488.

VOLOVITCH, Marie-Christine, "As organizações católicas perante o movimento operário em Portugal (1900-12)", in *Análise Social*, vol. XVIII (72-73-74), 1982, 3º-4º-5º, pp. 1197-1210.